

Extensão Universitária em Turismo no Brasil: Mapeamento Preliminar

Rafaela Camara Malerba¹

Camila de Meirelles Landi²

Mirian Rejowski³

Resumo

A presente pesquisa busca iniciar uma reflexão sobre as práticas de extensão universitária em turismo, com o objetivo de mapear as ações extensionistas levadas a efeito em instituições de ensino superior no Brasil. Realiza-se com base em pesquisa exploratória de caráter qualitativo, correspondendo a uma investigação preliminar, a fim de se aproximar do objeto de estudo e compreender sua abrangência e dinâmica. O objeto de análise é composto de 23 documentos (trabalhos de eventos e artigos de periódicos) identificados por meio de consulta ao *Google Acadêmico* e de indicações de *experts* da área. As ações extensionistas foram descritas e analisadas nas seguintes categorias: instituições e órgãos responsáveis, período, equipe, área temática, campo de atuação, público-alvo, local, objetivos, impactos e resultados. Constatou-se que essas ações desenvolvem-se sob diferentes modalidades em várias instituições de ensino no Brasil, principalmente na região Sudeste. Dentre os focos de atuação destacam-se os de Planejamento Turístico e Lazer e Recreação. Os documentos, entretanto, mostram-se pouco detalhados em relação a data, forma de financiamento e resultados das ações. Para tanto se sugere a continuidade da pesquisa, mediante investigação com base nos projetos originais e no contato com seus respectivos coordenadores.

Palavras-chave: Turismo. Ensino Superior. Extensão universitária. Brasil.

¹ Graduada em Letras e Turismo. Especialista em Gestão Mercadológica de Turismo e Hotelaria. Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP. E-mail: rafaelamalerba@gmail.com

² Graduada em Gastronomia e especialista em Docência em Gastronomia. Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente e coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da Faculdade Hotec. E-mail: camila_landi@hotmail.com

³ Graduada em Turismo, Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação e Livre Docente em Teoria do Turismo e do Lazer pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Bolsista do CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa Inovação e Qualificação em Hospitalidade e Turismo. E-mail: mirwski@gmail.com.

Introdução

O artigo 207 da Constituição brasileira determina que as universidades devam obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Entretanto, no que diz respeito à área de Turismo, as iniciativas extensionistas parecem ainda ser pouco difundidas.

O ensino superior em Turismo teve origem na década de 1970, época em que se observava o início de uma demanda do mercado de trabalho para profissionais de turismo. Assim, algumas faculdades e universidades – públicas e privadas – passaram a oferecer cursos de bacharelado em Turismo. Até a metade da década de 1990, a oferta desses cursos expandiu-se lentamente, somando 27 bacharelados em todo o país. Desse momento até o início dos anos 2000, observou-se, porém, uma acelerada expansão atingindo 225 cursos de Turismo no país. A partir de 2004, porém, observou-se uma diminuição na procura de vagas em cursos de turismo, o que levou a uma readequação da oferta de cursos. Muitos bacharelados em Turismo tiveram suas turmas encerradas e, em contrapartida, expandiram-se os cursos superiores tecnológicos (ANSARAH; REJOWSKI, 1994; CARVALHO, 2008).

A evolução e o amadurecimento do ensino superior em Turismo no Brasil foram acompanhados também pelas pesquisas em Turismo. Esse processo resultou, na década de 1990, na publicação do primeiro periódico científico em Turismo – “Turismo em Análise” – e no fortalecimento da linha de pesquisa “Turismo e Lazer” do programa de Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Ainda na década de 1990 tem-se o primeiro Mestrado em Turismo e Lazer na USP, que funcionou entre 1993 e 1998, e o Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, criado em 1998, ao qual se seguem outros programas (REJOWSKI, 2010).

Pela vivência das autoras na docência superior, observa-se que, embora a extensão seja um dos pilares do ensino universitário, no âmbito da formação em turismo ainda se manifesta de maneira muito discreta, recebendo pouca atenção e dedicação de docentes e discentes. Dessa forma, não se compartilham as experiências – exitosas ou não – tampouco o aprendizado que delas decorre ou poderia decorrer.

Mediante essas preocupações, esta pesquisa pretende iniciar uma reflexão sobre as práticas de extensão universitária, com o objetivo de mapear suas atividades ou ações levadas a efeito em instituições de ensino superior no Brasil. Como uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, trata-se de uma investigação preliminar, a fim de se aproximar do objeto

de estudo e compreender sua abrangência e dinâmica (DENCKER, 2007). Assume a forma de pesquisa documental e bibliográfica, com base na análise de conteúdo de publicações acessíveis pela Web ou indicadas por especialistas da área.

Para a coleta de dados, foram realizadas buscas no Google Acadêmico, entre os meses de abril e maio de 2011, a partir do termo “*extensão universitária*” associado ao termo *turismo*, o que resultou em 1140 ocorrências. Dessas, optou-se por trabalhar apenas com as 150 primeiras, considerando que a partir da octogésima os *links* indicados passaram a se repetir.

Das 157 ocorrências, excluíram-se as citações, os links repetidos, os artigos referentes a experiências internacionais e textos nos quais o turismo ou a extensão eram abordados de forma indireta. No caso de textos diferentes sobre um mesmo projeto, deu-se preferência ao mais atual ou mais completo. Além disso, os documentos deveriam descrever ou citar nominalmente projetos, programas ou ações de extensão e as IES em que se desenvolvem. Foram, dessa forma, selecionadas 17 publicações, além de seis documentos identificados a partir da indicação de pesquisadores da área. Ao final constitui-se uma amostra de 23 documentos, entre artigos de periódicos e trabalhos de eventos, que compuseram o objeto da presente investigação.

Este artigo apresenta inicialmente os fundamentos sobre o significado e papel da extensão universitária como um dos pilares de sustentação da universidade brasileira. Em seguida descreve e analisa os resultados da pesquisa documental abordando: a) dados gerais (instituições e órgãos responsáveis, período e equipe); b) caracterização dos projetos (área temática de extensão, campo de atuação em turismo, público-alvo, local de realização, objetivos e resultados).

Significado e papel da extensão universitária

Entende-se por extensão universitária a prática acadêmica relacionada ao processo educativo, cultural e científico, unida ao ensino e à pesquisa de forma que estes se completem, possibilitando uma relação entre a universidade e a sociedade. Surgiu, basicamente, da necessidade de difundir o conhecimento adquirido.

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade,

docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (BRASIL, 1995)

O próprio termo extensão, segundo Freire (1983) tem esse significado de continuidade, de prolongamento do vínculo entre o conhecimento do aluno e do professor, do aluno e da Universidade, e do conhecimento do aluno e o conhecimento do professor.

A ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí, em que seu “campo associativo”, o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. (FREIRE, 1983, p. 13)

No Brasil, a história da extensão universitária pode ser organizada em nove períodos, conforme Carbonari e Pereira (2007, p. 23-24).

Período	Acontecimento
1911 e 1917	Acontecem as primeiras experiências de extensão no Brasil na Universidade Livre de São Paulo com conferências abertas ao público onde eram trabalhados temas não relacionados às problemáticas sociais e políticas da época. As questões não eram focadas nos problemas sociais e econômicos da comunidade.
11 de abril de 1931 (Decreto Federal nº 19851)	Surtem cursos e conferências que objetivavam a difusão de conhecimentos “úteis à vida individual e coletiva”, e a “apresentação de soluções para compromissos sociais e a propagação de idéias e princípios de interesse nacional”.
Década de 60	A extensão passa do enfoque da difusão do conhecimento para o de inserção na realidade socioeconômica, política e cultural do país, procurando respostas que contribuíssem para a transformação social.
1968	Com a Reforma Universitária, houve o rompimento da concepção da extensão como diálogo com a comunidade.
1975	O MEC elabora um plano de trabalho onde a extensão passa a ser compreendida como “meio através do qual a universidade atende a outras instituições e a população e, por outro lado, recebe retroalimentação para o ensino e a pesquisa”.
1980	Com o ressurgimento dos movimentos sociais, a extensão passa a ser utilizada como prática para assegurar os direitos humanos.
1987	A partir da criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (PROEXT), inicia-se um processo de definição do conceito de extensão, e de sua organização dentro das universidades.
Década de 90	Início da extensão universitária caracterizada por contradições herdadas de sua recente história.
2004	O Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES) orienta que a extensão deve pautar-se em valores educativos, primando por sua integração com o ensino e a pesquisa, reforçando a necessidade da transferência do conhecimento produzido nas IES e sua interferência no desenvolvimento regional e nacional.

Quadro 1 – História da extensão universitária no Brasil (CARBONARI; PEREIRA, 2007, p.23-24).

A partir de 2004, torna-se, portanto, necessária a articulação das ações extensionistas com os setores públicos, produtivo e o mercado de trabalho, contribuindo para que o aluno desenvolva, no processo de aprendizagem, o espírito crítico próprio da formação cidadã.

Segundo dados do *Perfil da extensão universitária no Brasil* (BRASIL, 1995), a prática de extensão universitária pelas instituições públicas tem em sua maioria a função de articulação entre a universidade e a sociedade, e a de levar a universidade ao cumprimento de sua missão social. Sua prioridade envolve o cumprimento social e a realimentação do ensino e da pesquisa, cuja operacionalização se dá a partir dos seus projetos.

Conforme afirmado por Serrano (2008), por meio da extensão a universidade cumpre suas três principais funções: a acadêmica, que é fundamentada em bases teórico-metodológicas; a social, que promove a organização social e a construção da cidadania, e a articuladora, que é a do saber e do fazer e da universidade com a sociedade. A autora ainda divide a história da extensão universitária no Brasil em quatro momentos: o modelo da transmissão vertical do conhecimento; o voluntarismo, a ação voluntária sócio-comunitária; a ação sócio-comunitária institucional; e o acadêmico institucional. Esses “momentos” são determinados pelos seus projetos pedagógicos, pelas questões políticas, e sua a história.

Tipologia das ações extensionistas

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (2007, p. 35) classifica as ações de extensão em cursos, eventos, programas, projetos e prestações de serviço. O Plano Nacional de Extensão, publicado por esse Fórum em 1999, determina como diretrizes para a extensão, a indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, a interdisciplinaridade e a relação bidirecional com a sociedade. Para sistematizar o trabalho de extensão nas universidades e oferecer respostas às diferentes necessidades da sociedade, o documento define oito áreas temáticas para a extensão: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, e Trabalho. Deve-se destacar que as ações devem ser executadas com linhas programáticas definidas, procurando estimular a interdisciplinaridade, o que supõe a existência de interfaces e de interações temáticas (RENEX, 2011).

Compreendidos a linha histórica da extensão, suas ações e áreas temáticas, descrevem-se as diferentes iniciativas extensionistas registradas na área de turismo em instituições do ensino superior do Brasil.

Ações extensionistas em Turismo

Dados gerais

Os documentos selecionados permitiram a identificação de 23 iniciativas extensionistas na área de turismo em 16 instituições de ensino superior no Brasil (quadro 2). Dos projetos identificados, 9 realizam-se em instituições privadas, e 14 em instituições públicas. Em relação à distribuição nacional, observa-se um predomínio de iniciativas na região Sudeste, com forte atuação de instituições de ensino de Minas Gerais.

Região	UF	IES	Ações extensionistas	
CO	MS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto City Tour da Grande Dourados • Assessoramento ao Grande Dourados Convention & Visitors Bureau • Projeto Operacionalização do Laboratório de Agência Experimental 	
		Universidade Federal do Maranhão - UFMA	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Profissionalizante da Hospitalidade • Projeto Jogos e Brincadeiras no Centro Histórico de São Luiz 	
NE	PB	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG	<ul style="list-style-type: none"> • Ecoturismo no Vale do Rio de Peixe 	
		Universidade Federal da Paraíba - UFPB	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Turismo Comunitário no Bairro da Penha 	
NO	RR	Universidade Federal de Roraima - UFRR	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Brasil Meu Negócio é Turismo 	
		Cefet-MG Bambuí – atual IFMG	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Rondon – Operação Verão 	
SE	MG	Centro Universitário Newton Paiva	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Verde Catas Alta • Projeto Maquiné 	
		Universidade Fumec	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Meninos do Parque • Projeto City Tour • Projeto Sal da Terra • Projeto Centro de Memória do Hospital Felício Rocha 	
		Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG	<ul style="list-style-type: none"> • RPPN Santuário do Caraça como Complexo Turístico 	
	RJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Reaplicação de Tecnologia Social de Incubação de Cooperativas Populares e Organização Comunitária em Áreas com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano com potencial turístico 	
		Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Itinerantes 	
	SP	Universidade Estadual Paulista - Unesp	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Natur 	
		Universidade de São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Rosa dos Ventos 	
		Associação Educacional de Garça	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Integração 	
	S	PR	Universidade Federal do Paraná - UFPR	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto SerrAção
		SC	Universidade Vale do Itajaí - Univali	<ul style="list-style-type: none"> • Programa de Revitalização Histórico-Cultural do Bairro da Barra

Quadro 2 – Ações extensionistas identificadas

A maioria das ações (16) é coordenada exclusivamente pelos departamentos, cursos ou laboratórios de turismo das Instituições. Identificaram-se também uma parceria entre a área de turismo e outras áreas – como o caso do Programa de Revitalização Histórico-Cultural do Bairro da Barra, da Univali – e projetos coordenados por outras áreas, como Geografia, Educação Ambiental e Engenharia de Produção. Além disso, 3 projetos envolvem parcerias das instituições de ensino em com os governos federal, estadual e municipal: Projeto Brasil Meu Negócio é Turismo, UFRR; Projeto Rondon – Operação Verão, CEFET-MG; Projeto Reaplicação de Tecnologia Social de Incubação de Cooperativas Populares e Organização Comunitária em Áreas com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano com potencial turístico, UFRJ.

Em geral, as atividades de cada projeto ou ação são realizadas por graduandos dos cursos envolvidos – bolsistas, estagiários ou voluntários – sob a coordenação dos docentes das áreas. Uma exceção é o Projeto Reaplicação de Tecnologia Social de Incubação de Cooperativas Populares e Organização Comunitária em Áreas com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano com potencial turístico, da UFRJ. Vinculado ao Instituto Alberto

Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – COPPE/UFRJ – envolve principalmente pesquisadores da pós-graduação.

Grande parte dos artigos não cita as datas de início das iniciativas; quando a citam não identificam a data prevista para conclusão. Uma vez que a maioria dos documentos foi produzida para simpósios e congressos de extensão, pode-se deduzir que as ações realizaram-se pelo menos desde o ano anterior ao evento e que as descrições apresentadas referem-se aos resultados até a data de apresentação do trabalho ou de publicação do artigo. Dessa forma, sugere-se que os projetos realizaram-se, principalmente, entre os anos 2000 e 2010.

Caracterização dos projetos

Apenas 8 artigos ou trabalhos identificam explicitamente as áreas temáticas de extensão ao qual se vinculam: 5 deles citam *trabalho*; e os 3 restantes vinculam-se cada um a *meio ambiente*, *desenvolvimento regional* e *educação ambiental*. Note-se que os dois últimos citam como áreas temáticas categorias não elencadas pela classificação usual (RENEX, 2011).

Foco de atuação	Ação extensionista
Planejamento turístico (7)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Rondon – Operação Verão, Cefet-MG Bambuí • Projeto Verde Catas Alta, CUNP • Projeto Maquiné, CUNP • Projeto SerrAção, UFPR • Projeto Turismo Comunitário no Bairro da Penha, UFPB • Projeto Reaplicação de Tecnologia Social de Incubação de Cooperativas Populares e Organização Comunitária em Áreas com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano com potencial turístico, COOPE/UFRJ • Projeto Natur, Unesp • Ecoturismo no Vale do Rio de Peixe, UFCG
Lazer e recreação (6)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Integração, • Projeto City Tour da Grande Dourados, UEMS • Projeto Meninos do Parque, Fumec • Projeto City Tour, Fumec • Projeto Itinerantes, Unirio • Projeto Rosa dos Ventos, USP
Patrimônio cultural (3)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Jogos e Brincadeiras no Centro Histórico de São Luiz, UFMA • Projeto Centro de Memória do Hospital Felício Rocha, Fumec • Programa de Revitalização Histórico-Cultural do Bairro da Barra, Univale
Recursos humanos (3)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Profissionalizante da Hospitalidade, UFMA • Projeto Brasil Meu Negócio é Turismo, UFRR • RPPN Santuário do Caraça como Complexo Turístico
Educação ambiental (1)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Sal da Terra, Fumec
Agenciamento (1)	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Operacionalização do Laboratório de Agência Experimental, UEMS
Gestão (1)	<ul style="list-style-type: none"> • Assessoramento ao Grande Dourados Convention & Visitors Bureau, UEMS

Quadro 3 – Projetos por foco de atuação em turismo

Os projetos de *planejamento turístico* têm objetivos relacionados à promoção do desenvolvimento turístico das localidades atingidas, por meio da articulação dos atores locais. Prevêem a realização de diagnóstico turístico, promoção de oficinas participativas com a comunidade, estudo do perfil da demanda, elaboração de planos de ação e, em alguns casos, acompanhamento das ações propostas. O público-alvo corresponde às comunidades de bairros dos municípios em que se localizam as IES ou de municípios próximos.

O *Projeto Verdes Catas Altas*, por exemplo, é uma iniciativa extensionista do Centro de Documentação e Informação Turística – CEDITUR – do Centro Universitário Newton Paiva, em parceria com a Prefeitura Municipal de Catas Altas e a Associação Mineira de Defesa do Ambiente – AMDA. Implantando em 1999, foi estruturado em cinco módulos de ação: Comunidade Participativa; Gente que Faz; Catas Altas Cata Lixo; Seja Bem-Vindo; e Inventário Turístico (NISHIMOTO, 2004).

Outro exemplo é o *Projeto Reaplicação de Tecnologia Social de Incubação de Cooperativas Populares e Organização Comunitária em Áreas com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano com potencial turístico*, vinculado à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do – ITCP – COPPE/UFRJ. Realizado entre 2006 e 2008, em parceria com o Ministério do Turismo e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional e Desenvolvimento, previa a construção de uma política pública de inclusão socioeconômica dos atores associados ao turismo, como alternativa de desenvolvimento das áreas debilitadas. Para isso, o Ministério do Turismo optou pela implantação de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares nas regiões abrangidas pelo projeto e, a ITCP-COPPE/UFRJ foi a principal responsável por viabilizá-las nos Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA), na Serra da Capivara (PI) e em Jericoacoara (CE) (GUIMARÃES; SANCHES; PORTELA, 2010).

Os projetos de *lazer e recreação* têm como premissa a democratização do lazer e, nesse sentido, prevêm a realização de passeios, visitas a museus, parques e outros equipamentos de lazer e realiza de oficinas e atividades lúdicas. Envolvem geralmente crianças e idosos de comunidades economicamente desfavorecidas dos municípios em que se localizam as instituições de ensino. É o caso do Rosa dos Ventos, iniciado em 2001, como iniciativa de alunos do bacharelado em Turismo ECA/USP. Tem como objetivo promover viagens e passeios de cunho educativo, englobando atividades de lazer e abordagens relacionadas às questões ecológicas, sociais, culturais e históricas dos locais visitados (ALLIS; HIRAO; MALERBA, 2003).

Com foco no *patrimônio cultural*, cita-se o projeto Jogos e Brincadeiras no Centro Histórico de São Luiz, UFMA, que apresenta uma dinâmica de atuação e um título que poderia vinculá-lo aos projetos de lazer e recreação. Porém, nesse caso, as atividades lúdicas são um meio de atingir seu possibilitar a valorização da cultura maranhense pelas crianças.

Logo, o projeto enquadra-se nos projetos de valorização do patrimônio cultural. As iniciativas deste grupo têm objetivos comuns, entretanto, as atividades desenvolvidas são muito diferentes (ARAGÃO, 2009).

Nesse mesmo foco, os alunos de turismo da Fumec têm como objetivo formatar o Centro de Memória do Hospital Felício Rocho, e para tanto realizam pesquisas e exposições temporárias (RODRIGUES et al, 2010) . Já o Programa de Revitalização Histórico-Cultural do Bairro da Barra, desenvolvido pelos cursos de Turismo e Hotelaria e Arquitetura da Univali, apresenta como meta a revalorização histórico-cultural do bairro da Barra, em Balneário Camboriú, SC. O projeto previu uma primeira fase de diagnóstico, incluindo entrevistas com a população; levantamento físico e ambiental do bairro, e definição de diretrizes para o alcance dos objetivos propostos (MORAES; TRICÁRICO, 2006).

Os projetos do grupo *recursos humanos* compartilham o fato de desenvolverem atividades como meio de contribuir para a capacitação e qualificação dos profissionais de turismo e hotelaria. Sua atuação dá-se por meio de cursos e oficinas. Deste grupo, o projeto de maior abrangência foi o Brasil Meu Negócio é Turismo – BMNT, realizado na UFRR entre 2005 e 2006. Implantando em parceria com o Ministério do Turismo, a Fundação Roberto Marinho, a Fundação Banco do Brasil e a Fundação Unitrabalho, o projeto tinha como objetivo contribuir para o aprimoramento dos profissionais de turismo e sensibilizar a comunidade sobre o papel no turismo na geração de renda e emprego. Nos 26 estados brasileiros e no distrito federal, o projeto formou mais de 23 mil de agentes locais de turismo, integrando profissionais de transportes, hotelaria, setor público, guias, artesãos, entre outros (OLIVEIRA; MENEZES, 2007).

Os focos *educação ambiental, agenciamento e gestão* apresentam apenas um projeto cada um. O projeto Sal da Terra, realizado pela Faculdade de Educação Ambiental da FUMEC com envolvimento de alguns alunos bolsistas e voluntários do curso de Turismo, tem como objetivo promover ações de educação ambiental para crianças e adolescentes de Belo Horizonte. Para isso, em 2005, realizaram-se semanalmente oficinas com crianças, principalmente de grupos de escoteiros (BALABRAM, 2006).

O Projeto Operacionalização do Laboratório de Agência Experimental, UEMS, procura atender às demandas das comunidades do curso de turismo, da universidade e em geral, por meio da prestação de serviços voluntários referentes à consultoria de roteiros,

serviços turísticos e demais solicitações relacionadas às atividades de agenciamento e transportes (OLIVEIRA; MARTINS; 2010).

O curso de turismo da UEMS é também responsável pelo projeto de Assessoramento ao Grande Dourados Convention & Visitors Bureau – foco *gestão* – tendo como o empresariado local. Entre seus objetivos, destacam-se os de pesquisar casos de sucesso de Centros de Convenções no Brasil para posterior aplicação no Centro de Convenções de Dourados; despertar o interesse de empresários, e orientar o desenvolvimento e a manutenção do *site* institucional (SILVA; NUNES, 2010).

A maioria dos artigos avalia de forma positiva os projetos e ações desenvolvidos. Entretanto, de maneira geral, os documentos são pouco explícitos na apresentação de resultados e impactos gerados pelos projetos e ações. Costumam indicar como resultados as ações efetivamente cumpridas, mas poucos abordam transformações geradas pelas ações no público-alvo. Quando o fazem, não citam pesquisas e indicadores sistematizados para medir o impacto das iniciativas extensionistas. A superficialidade na abordagem dos resultados e impactos pode sinalizar uma eventual falta de interação da extensão com a pesquisa.

No que diz respeito à integração entre extensão e ensino, vale notar que apenas cinco artigos fazem menção aos impactos para os alunos envolvidos. No caso do Projeto Integração, por exemplo, apontam-se como resultados a descontração gerada no público-alvo e a percepção, por parte dos discentes, de que a experiência tinha lhes possibilitado se desenvolver profissionalmente e pessoalmente (FORTUNATO, 2007).

Considerações finais

Este artigo procurou construir uma aproximação à temática da extensão universitária em turismo no Brasil, tendo em vista subsidiar o encaminhamento de pesquisa de mestrado a ser desenvolvida posteriormente. Embora os dados coletados não reflitam a distribuição da extensão universitária no Brasil – uma vez que não se trata de um censo com consulta a todas as instituições –, indicam aquelas que de alguma forma tem procurado tornar públicas suas experiências e, assim, obtêm destaque em eventos e periódicos.

O mapeamento preliminar revela que as ações extensionistas em turismo, embora recebam pouca atenção das pesquisas acadêmicas na área, desenvolvem-se sob diferentes modalidades, em várias instituições de ensino no Brasil, com ênfase para a região Sudeste,

especialmente, ao estado de Minas Gerais. De forma geral, destacam-se os projetos voltados ao planejamento turístico e à promoção de lazer e recreação. As atividades são variadas, conforme os objetivos de cada projeto, contemplando realização de diagnóstico, oficinas participativas, cursos e organização de roteiros turísticos.

Infelizmente, de forma geral, os artigos são pouco esclarecedores em relação a datas, forma de financiamento e impactos dos projetos e interação com o ensino e a extensão. Esse fato sinaliza que futuras pesquisas com abordagem direta às instituições podem revelar um perfil mais preciso e crítico da situação atual da extensão universitária em turismo no Brasil.

Referências

ALLIS, T.; HIRAO, S. E. MALERBA, R. C.; Rosa dos Ventos: turismo sócio-educativo como experiência de extensão do curso de turismo da ECA-USP. CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO, 23., 2003, Recife. **Anais...** Recife: ABBTUR, 2003.

ARAGÃO, L. R. M.; COSTA JÚNIOR, R. M. Jogos e brincadeiras do centro histórico de São Luís. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EXTENSION UNIVERSITARIA, 10., 2009, Montevideo. **Ponências por Eje.** Montevideo, Universidad de la Republica, 2009. Disponível em: <http://hosting.udlap.mx/sitios/unionlat.extension/memorias2009/trabajos/sociedad_territorio/jogos_e_brincadeiras_no_centro_historico_de_sao_luis.pdf> Acesso em: 15 maio 2011.

ANSARAH, M. G. dos R.; REJOWSKI, M. 1994. Cursos superiores de turismo e hotelaria no Brasil. **Turismo em Análise**, São Paulo, ECA-USP, v.5, n.1, p.116-128, 1994.

BALABRAM, P. R. et al. “O sal da terra” – projeto de educação ambiental. SEMINÁRIO DE EXTENSÃO FUMEC, 3., 2006, Belo Horizonte. **Caderno de artigos 2005.** Belo Horizonte, Universidade FUMEC, 2008. p.91-93. Disponível em: <http://www.fumec.br/extensao/docs/caderno_artigos2005.pdf>. Acesso em: 15 maio 2011.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 16 abr. 2011.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Superior – SESU. **Perfil da Extensão Universitária no Brasil.** Brasília: SESu/MEC, 1995. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002057.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

CARBONARI, M. E. E; PEREIRA, A. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, v. 10, n.10, p.23-28, 2007.

CARVALHO, M. A. Os números do ensino superior em turismo e hospitalidade no Brasil-2001 a 2006. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte: Centro Universitário UMA. Disponível em: <<http://anptur.org.br/anais/seminario2008/data/238t.pdf>>.

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em Turismo:** planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 2007.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular:** uma visão da extensão. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006. Disponível em <http://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_4_indissociabilidade.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2011.

- _____. **Extensão universitária:** organização e sistematização. Belo Horizonte: COOPMED, 2007. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2009/forun/Extens%E3o%20Universit%E1ria%20-%20Organiza%E7%E3o%20e%20Sistematiza%E7%E3o.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2011.
- FORTUNATO, R. A. Projeto Integração. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, Tupã, s/p, 2007. Disponível em: <<http://www.amigosdanatureza.org.br/noticias/358/trabalhos/266.Integracao.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GARCIA, W. E. Prefácio. **Extensão universitária:** comunicação ou domesticação. São Paulo: Cortez, 1986.
- GUIMARÃES, G.; SANCHES, V.; PORTELA, G. Turismo e cooperativismo populares: a experiência da ITCP no nordeste brasileiro. **ITCP COPPE UFRJ – Textos**. Rio de Janeiro, UFRJ, set. 2010. Disponível em: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/pdf/Turismo_e_Cooperativismo_Popular_a_experiencia.pdf>. Acesso em: 15 maio de 2011.
- LUZ, R. J. P. Apresentação. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Superior – SESU. **Perfil da Extensão Universitária no Brasil**. Brasília: SESU/MEC, 1995. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002057.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- MORAES, S. T.; TRICÁRIO, L. T. História, cultura e projeto urbano: a barra do Rio Camboriú. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, PR, n.11, p. 105-127, jul./dez. 2006.
- NISHIMOTO, L. Projeto Verde Catas Altas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Desen/Desen25.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- OLIVEIRA, R. S.; MARTINS, P. C. S. Laboratório de agência - um espaço para capacitação profissional. SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – SEMEX, 8., 2010, Dourados, MS. **Anais...** Dourados: UEMS, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/index.php/semex/article/view/2267/940>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- OLIVEIRA, R. S.; MENEZES, A. N. O projeto de extensão universitária “Brasil, meu negócio é turismo” no estado de Roraima. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, RR, a. 1, n. 2, p. 111-119, jul./dez.2007. Disponível em: <<http://ufr.br/revista/index.php/actageo/article/viewFile/180/359>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- REJOWSKI, M. Pesquisa científica em turismo no Brasil (1990 a 2005). Comunicação, produtividade e posicionamento. São Paulo: UAM, 2010. (Relatório de pesquisa).
- RENEX – Rede Nacional de Extensão. **Política nacional de extensão - áreas temáticas**. Disponível em: <http://www.renex.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=3>. Acesso em: 2 jun. 2011.
- RODRIGUES, R. L. et al. Manutenção do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Turismo e Hotelaria (CEPETURH). In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO FUMEC, 7., 2010, Belo Horizonte. **Caderno de artigos 2009**. Belo Horizonte, Universidade FUMEC, 2010. P. 71-74. Disponível em: <http://www.fumec.br/extensao/docs/caderno_artigos2009.pdf#page=71>. Acesso em: 15 maio 2011.
- SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. 2008. **Extelar Grupo de pesquisa em extensão popular**. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2011.
- SILVA, D. C.; NUNES, M. L. A importância das parcerias público-privadas para o Grande Dourados Convention & Visitors Bureau. SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – SEMEX, 8., 2010, Dourados, MS. **Anais...** Dourados: UEMS, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/index.php/semex/article/view/2244>>. Acesso em: 15 maio 2011.
- ZYSMAN, N.; MARTINS, M. R. A questão da qualidade na formação dos profissionais para o turismo sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.128-147, 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1154/115415182010.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2011.